

Ainda sobre a relação entre língua e sentido

Wellton da Silva de Fatima
Universidade Estadual de Campinas (Unicamp/IFAL)
wellton.fatima@ifal.edu.br
<https://orcid.org/0000-0002-0526-5396>

Thiago Wallace Rodrigues dos Santos Lopes¹
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ/CAPES)
thiagodossantos16@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-7921-4631>

Ao propormos fazer trabalhar a relação entre língua e sentido em diferentes abordagens teóricas e/ou metodológicas nos estudos da linguagem para o dossiê de número 46 da revista *Palimpsesto*, estávamos cientes, desde o início, de que esta não era uma proposta inovadora, dado o percurso que essa relação faz desde a filosofia, passando pelas ciências humanas e sociais, até a linguística e suas ramificações. Sabemos, no entanto, que essa é uma relação que não se esgota, que se renova ao longo do tempo, em si mesma e pelas novas perspectivas que vão surgindo e dando novo fôlego à questão. Foi exatamente com esse espírito que conduzimos a produção deste dossiê: tratou-se, fundamentalmente, da convocação de pesquisadoras e pesquisadores de diferentes sub-áreas dentro da linguística de diferentes instituições e filiações teóricas por todo o país para rediscutir essa relação, a partir de novos modos de refletir, de novos fatos de linguagem ou, mesmo, para reinterpretar antigas abordagens e antigos fatos de linguagem a partir de novos olhares.

É verdade que o próprio tema do dossiê recorta as possibilidades de investigação, no interior dos estudos da linguagem, pela questão da significação. Assim, apesar das diferentes perspectivas, as pesquisas que constituem o dossiê têm uma visada semântica – no sentido bastante alargado do termo. É também verdade que, ao partirmos de um olhar sobre a significação, alguns aspectos são incontornáveis, como a relação entre a linguagem e o mundo, a questão da referência, a conceptualização e a categorização do mundo, as imagens que se projetam no/pelo dizer e seus sentidos, as memórias construídas na/pela linguagem, a própria concepção de falante e de sujeito, entre outros aspectos. Assim como são também

¹O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

incontornáveis alguns autores, pela contribuição que fazem no campo da linguística para a investigação da relação entre língua e sentido. Um desses autores é Oswald Ducrot, que faleceu em junho deste ano, a quem não poderíamos deixar de fazer uma singela homenagem.

Oswald Ducrot (1930-2024) foi um importante linguista francês, que se dedicou vastamente à compreensão da argumentação enquanto produzida estruturalmente na língua. Em famoso trabalho publicado juntamente com Jean-Claude Anscombe (Anscombe & Ducrot, 1976), é proposta a teoria da argumentação na língua – *L'argumentation dans la langue* –, por meio da qual a questão da argumentação deixa de ser pensada exclusivamente pela retórica e passa a ter lugar no interior de uma abordagem linguística estruturalista, corrente teórica que vigorava na França na conjuntura dos anos 1970.

A teorização de O. Ducrot se divide em três fases. Apesar das fortes transformações que o autor propõe em cada uma delas, permanece o pressuposto teórico central de que a argumentação é um fato produzido na estrutura da língua.

Na primeira fase, a partir da década de 1970, Ducrot apresenta certos princípios que, tanto no aspecto teórico quanto operacionalmente, dão sustentação à sua proposta. O autor preconiza que a própria estrutura da língua contém elementos que orientam e condicionam a argumentação, independentemente das intenções do falante – e é isso que diferencia sua proposta de certas abordagens que vigoravam até então, como certas pragmáticas. Assim, a partir de elementos como a negação, a ironia, os operadores argumentativos, entre outros, o autor demonstra como a presença desses elementos orienta argumentativamente as conclusões a que se pode chegar a partir de um enunciado.

Um dos pontos altos da teoria de O. Ducrot é sua teoria polifônica da enunciação. Essa teoria é baseada na ideia de que um único enunciado pode conter múltiplas vozes ou, mais propriamente, pontos de vista, o que cria um efeito polifônico, semelhante a uma encenação teatral, como explicam Barbisan & Teixeira (2002). A potencialidade teórica e prática dessa perspectiva de polifonia reside, principalmente, no ganho de se poder considerar o funcionamento da língua como fato primeiro, resgatando o olhar sobre a enunciação e sobre a argumentação do psicologismo inerente a certas teorias das intenções.

Avançando em sua proposição teórica, a partir dos *topoi* argumentativos, inaugura-se a segunda fase da teoria da argumentação da língua. Os *topoi*, compreendidos como lugares-comuns da argumentação, são estruturas argumentativas compartilhadas culturalmente que orientam a interpretação e a construção dos enunciados. Elas são, portanto, saberes ou princípios socialmente partilhados e amplamente aceitos e que orientam a direção da argumentação em dizeres que podem ser enunciados em sentidos diferentes.

Os principais críticos e comentadores de O. Ducrot consideram que, ao recorrer aos *topoi* para explicar a natureza do seu objeto, Ducrot teria, ao menos parcialmente, abandonado seu princípio de que a argumentação é fato estrutural da língua, já que, em última instância, os *topoi* seriam um princípio filosófico. Reconhecendo essa crítica e sendo muito consequente com seu pensamento, O. Ducrot defende, então, um retorno ao estrutural, propondo a teoria dos blocos semânticos.

Na terceira fase da teoria da argumentação na língua, a teoria dos blocos semânticos, Ducrot reformula sua concepção acerca dos *topoi*, em uma tentativa de integrar as estruturas argumentativas dos enunciados dentro de uma noção mais detalhada e linguística do discurso. Trata-se, grosso modo, de uma síntese entre os *topoi* e as estruturas semânticas, em que se mantém a argumentação como um fenômeno estrutural, mas reconhecendo a influência dos valores culturais e das práticas discursivas.

Ducrot esteve no Brasil em diversas ocasiões, nas décadas de 1980 e 1990, momento em que influenciou muito fortemente a produção acadêmica da linguística brasileira. Suas contribuições foram lidas, discutidas e apropriadas por diferentes campos na linguística e na análise de discurso. É possível encontrar referências diretas a O. Ducrot nos trabalhos de grandes nomes dos estudos linguísticos no Brasil, como José Luiz Fiorin, Ingedore Villaça Koch, Eduardo Guimarães, Eni Orlandi e Leci Borges Barbisan. Cada um, a seu modo, uns mais fiéis outros mais indisciplinados em relação à teoria de Ducrot, esses – e outros – autores integram o ponto de vista da argumentação como fato estrutural e inerente à língua nos mais diferentes campos, como a semântica da enunciação, a linguística textual, a semântica do acontecimento, a análise do discurso e a própria semântica estrutural.

Inspirados no legado de O. Ducrot e na repercussão de seu trabalho na linguística brasileira, apresentamos este dossiê, cientes de que a singela homenagem que aqui prestamos não é suficiente para fazer justiça ao tamanho da sua contribuição. Sabemos, no entanto, que, de uma forma ou de outra, às vezes mais explicitamente, às vezes mais implicitamente, o conjunto dos trabalhos que compõem este dossiê passam pelos saberes colocados em circulação inicialmente naquela década de 1970 na França e são afetados pelos deslocamentos que se deram ao longo do tempo.

Passamos, agora, para os comentários dos trabalhos que compõem o dossiê “Língua e sentido em diferentes abordagens”.

Em “A linguagem inclusiva de gênero nos dizeres de sujeitos não binários: reflexões à luz da análise do discurso e da história das ideias linguísticas”, Laís Virginia Alves Medeiros e Luana Cristina Santos Marques investigam o modo como sujeitos não binários quanto ao

gênero mobilizam determinados saberes linguísticos e imaginários sobre a língua para defender seus pontos de vista. Na ancoragem teórica em que se circunscreve, o artigo contribui para a discussão acerca dos saberes linguísticos cotidianos, para a compreensão da relação entre língua e sentido, e para a reflexão sobre a metalinguagem. As autoras provocam, ainda, pesquisadores das ciências da linguagem, mais amplamente, e da análise de discurso, mais especificamente, a olharem para esses fatos de linguagem (e de discurso) de forma desarmada, crítica e curiosa.

Em “A polêmica em Vargas e Bolsonaro: uma análise de pronunciamentos em 1930 e 2020”, Bruno de Azevedo Santana Guimarães e Ibiraci de Alencar Chagas analisam, a partir do conceito de “polêmica”, os pronunciamentos de dois ex-presidentes do Brasil, em abordagem argumentativa e discursiva. Focalizando a maneira como funcionam a dicotomização, a polarização e a desqualificação em seu corpus de análise, os autores apontam sobretudo semelhanças entre esses dois discursos, sem deixar de pontuar, no entanto, diferenças como a utilização de adjetivos difamatórios, que são mais presentes em Vargas, e os implícitos, que funcionam mais em Bolsonaro.

Em “Chinaredo, chinas e chinocas no conto ‘Divertidos’, de Roque Callage: uma análise histórico-enunciativa”, Felipe Rodrigues Echevarria analisa o modo como três palavras se significam e são reescrituradas na materialidade linguística e literária no contexto sócio-histórico e cultural em que se dá a produção de Roque Callage. Além de mobilizar um aparato linguístico, o autor traz também um olhar aguçado com relação às questões de gênero e as coloca em jogo tendo em vista a historicidade dos processos de significação, demonstrando os efeitos dessa divisão social – a de gênero, especialmente no contexto sul rio-grandense – no modo como as três palavras analisadas produzem sentido.

Em “Entre o dito e o não dito: modos de significar as vítimas de feminicídio na página de Facebook do G1”, Ariane Silva da Costa Sampaio e Washington Silva de Farias analisam postagens e comentários feitos na página de um portal de notícias no Facebook em que foram noticiados casos de feminicídio. Operando analiticamente na relação entre o dito e o não dito e trabalhando as formas do silêncio nos processos de significação, a autora e o autor mostram o efeito de desqualificação que se produz sobre as vítimas de feminicídio nesse discurso, com especial atenção ao modo como a enunciação participa nesse processo.

Em “Lula ou Cachaça? A construção do sentido de cachaça como referência ao Lula na *Folha de São Paulo* e na rede social X”, Frederico Guimarães faz um mapeamento discursivo de posicionamentos ideológicos de sujeitos que se referem ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva pelo termo “cachaça”. Analisando uma notícia jornalística e postagens de redes sociais,

o autor enfatiza a autonomia relativa da língua em relação aos processos discursivos na produção dos sentidos. Ele aponta, ainda, no corpus que analisa, uma afinidade ideológica entre o dizer do jornalismo e os dizeres das forças políticas de extrema direita na corrida eleitoral de 2022.

Em “‘Medicina não é curso pra filho de doméstica não’: (im)pactos da/para branquitude”, Alécia Lucélia Gomes Pereira, Melissa Raposo Costa e Maria Angélica Oliveira, com olhar atento ao modo como as questões raciais produzem efeito na relação entre a língua e o sentido, analisam um relato retirado do livro “Eu, empregada doméstica: a senzala moderna é o quartinho da empregada doméstica”, publicado em 2019. Apesar da ênfase em explicar como a branquitude se impõe enquanto condição de produção do discurso na sociedade brasileira, as autoras demonstram como fatos de linguagem como a ironia são mobilizados como forma de resistência em um contexto de múltiplas formas de dominação.

Em “Mestiçagens do processo ibérico e brasileiro: Al-Andalus, (im)permeabilidade linguística como paradigma geopolítico e colonialidade”, Gabriel D. Gruber também contribui para compreensão de questões étnico-raciais na relação entre língua e sentido. Buscando uma alternativa ao eurocentrismo científico e cultural, o autor discute conceitos como geopolítica, estados-nação, contato linguístico e criouliização. O autor conclui, em suas próprias palavras que “a língua brasileira culta é inventada para se auto-justificar, assim como a ideologia de quem a descreve influi na descrição de como o processo de sua formação se deu, pensando numa distinção de língua pura que é mestiçada por dialetos e de dialetos que se purificam em prol de uma ‘organização’”. Trata-se de uma contribuição importante para pensar os novos desafios assumidos nas ciências humanas e sociais, de modo geral, e na linguística, de modo mais particular, no que se refere à forma de produzir conhecimento.

Em “Língua e sentido: uma perspectiva ecocognitiva”, Paulo Henrique Duque busca, a partir da ecocognição, observar de que maneira linguagem e construção de sentidos interagem, levando a linguagem a transcender em funções comunicativas e influenciar a percepção e o comportamento humano. O autor, então, propõe-se a explorar a dinâmica que se estabelece entre organismos e ambiente que, de acordo com a sua hipótese, atua para moldar a linguagem em decorrência das condições ambientais que cercam os mais diversos usos da língua. Para tal, Duque recorre a conceitos ligados à psicologia ecológica, às ciências cognitivas, à linguística cognitiva e a *insights* da filosofia da linguagem, destacando a contribuição da abordagem ecocognitiva para observação do fenômeno linguístico permeado pela cognição e pelo ambiente.

Em “A desigualdade de gêneros nas músicas infantis: repetir até tornar-se natural”, Kamilla Tratsch Gula e Célia Bassuma Fernandes, partindo das abordagens discursivas

estabelecidas por Michel Pêcheux, na França, e Eni Orlandi, no Brasil, discutem como a submissão da mulher é transformada em discurso e naturalizada por meio de músicas infantis, reforçando a desigualdade de gênero desde a mais tenra idade. Assim, Gula e Fernandes trazem para discussão as canções *Sapo Cururu*, *A Galinha Pintadinha (A Galinha e o Galo Carijó)* e *O cravo brigou com a rosa*, discutindo a questão da submissão feminina, desde os textos bíblicos até a forma como ela é repercutida nas canções infantis. Por fim, as autoras fecham o texto apontando as possibilidades de sentido que estão em funcionamento nas letras estudadas e de que maneira elas repercutem a desigualdade de gênero por diferentes gerações.

No artigo “Os significados submersos das orcas residentes: revisitando o conceito sistêmico-funcional de protolíngua na relação língua e sentido”, Gabriel Gomes Botelho Freitas recorre aos conceitos da linguística sistêmico-funcional para defender a ideia de que animais, para além do ser humano, possuem uma protolíngua. Partindo dessa ideia, Freitas se dedica ao estudo do sistema comunicativo das orcas e aos estudos acerca da complexidade sociossemiótica da comunicação desses animais, apoiando-se nas teorias de criptossemiose e de tradução interespecífica, além dos estudos de Halliday. Em suas conclusões, o autor retoma a discussão proposta para apontar de que maneira o sistema comunicativo das orcas pode ser mais complexo quanto a semiótica, podendo contribuir para o conceito de protolíngua.

Em “*Intertextuality and recontextualization in music: an analysis of songs*”, Fabielle Rocha Cruz, por meio da análise crítica do discurso, busca trabalhar de que maneira a intertextualidade e a recontextualização contribuem para a construção de sentido em letras de canções, uma vez que o entendimento de um texto é permeado e fundamentado por outros textos. Aliando a esses conceitos o de multimodalidade, Cruz destaca os modos como as letras de canção são constituídas de modos diferentes a partir da convergência de textos distintos para a construção de um novo significado. Após a análise de três letras de canção, a autora ressalta a maneira como a análise crítica do discurso, por meio dos conceitos discutidos, colabora para a melhor compreensão das canções estudadas.

Em “Perdo, mas nunca esqueço: os efeitos de memória na música Latinoamericana”, Geicilayne Tavares Pelayes, Sheyla Jayane Tavares Lins e Kelly Christhyne Lins Tavares, a partir da análise do discurso e, mais especificamente, do conceito de formação discursiva, discutem como o antagonismo da luta de classes é estruturado a partir dos efeitos de memória. As autoras defendem a existência de uma união entre língua, história e ideologia – e que esta última é inseparável do processo de construção de sentidos e da materialização discursiva por intermédio da memória –, buscando entender como os países da América Latina repetiram processos discursivos estruturados por uma formação ideológica. Por fim, elas sublinham como

as sequências discursivas tratadas ao longo do artigo apontam para uma liberdade pautada no conhecimento e na resistência.

No texto “Semântica formal e semântica cognitiva: uma proposta de interface com a psicolinguística experimental”, Gitanna Bezerra e Andressa D’Ávila colocam a semântica formal em paralelo à semântica cognitiva, em busca de estabelecer uma discussão acerca da construção de sentidos. Bezerra e D’Ávila constroem a discussão proposta em torno dos verbos leves que são analisados em ambas as teorias, propondo uma interface com a psicolinguística. Após o estabelecimento das questões teóricas, as autoras elaboram uma testagem de processamentos semânticos dos verbos leves, sugerindo uma atualização de algumas discussões teóricas. Em suma, elas concluem sua reflexão reafirmando a maneira como a interface entre as ciências da significação e a psicolinguística experimental contribuem para as discussões teóricas abordadas ao longo do artigo.

Em “Como montar uma rede construcional: uma abordagem por escalonamento multidimensional em 2D e 3D para os adjetivos adverbiais do português brasileiro”, Sara Martins Adelino e Diogo Pinheiro tratam dos adjetivos adverbiais do português brasileiro a partir da perspectiva de um escalonamento multidimensional, montando *clusters* em duas e três dimensões. A análise dos dados aponta para diferentes distribuições dos elementos estudados, focalizando os conteúdos semânticos dos elementos em avaliação, tomando por base a gramática das construções. Os autores concluem o texto apontando para uma organização da rede construcional aliada aos parâmetros teóricos abordados ao longo da discussão e das análises elaboradas.

No artigo “Mudanças de enquadre e footing em respectivas falas-em-interação social de abusador e vítima”, Jean Ignacio Lima busca entender como se organiza a interação com o abusador e com a vítima a partir das discussões teóricas da sociolinguística interacional. Lima elege os casos cometidos pelo líder religioso João de Deus e analisa entrevistas concedidas por ele e pelas vítimas, elaborando uma investigação interacional das conversas selecionadas. Para tal, o conceito de “fala-em-interação” se faz muito importante para as análises desenvolvidas. O autor conclui elaborando um panorama geral dos resultados apresentados, apontando para a importância da sociolinguística para o estudo das interações humanas.

Em “Estratégias de implicatura em ameaças veladas: uma possível contribuição à determinação de significados em Linguística Forense”, Welton Pereira e Silva vale-se de conceitos ligados à Semântica, à Pragmática e às Teorias do Discurso para construir um estudo sobre os implícitos presentes em textos de ameaças. Guiado pela Linguística Forense e pelo modo como se dá a prática profissional do linguista forense, Silva busca elaborar uma estratégia

metodológica que guie a atuação desse profissional na identificação de tais fenômenos. Ao longo do texto, faz-se uma apresentação dos conceitos teóricos e uma aplicação desses aos excertos analisados. Por fim, o autor demonstra como busca contribuir para a o exercício efetivo da análise pericial.

Em “Efeitos de sentido no discurso jornalístico: a semântica global em notícias de um jornal popular”, Gustavo Estef Lino da Silveira busca estabelecer uma análise de notícias de jornal a partir de uma perspectiva discursiva. Silveira busca demonstrar a maneira como os textos de um determinado veículo de notícias interagem e constroem uma Semântica Global, nos textos e no próprio suporte. Para tal propósito, o autor lança mãos das teorias ligadas à Análise do Discurso, principalmente da linha encabeçada por Dominique Maingueneau; assim, mobiliza tais conceitos em relação ao corpus eligido para demonstrar sua hipótese. Silveira demonstra como é feita tal construção e destaca o papel do jornal dentro da sociedade.

Em “Estudo do fluxo migratório no Brasil: a redução da desigualdade por meio dos termos”, Flávia de Oliveira Maia-Pires lança mão de conceitos da Lexicografia, da Lexicologia e da Terminologia para demonstrar de que maneira um estudo mais apurado e o conhecimento de certo termo pode contribuir para redução da desigualdade social. Para tal, Maia-Pires focaliza o estudo de termos científicos com vistas a preencher lacunas e, assim, promover uma maior acessibilidade linguística na comunidade estudada. Após discussão teórica, avaliação e análise de certos termos, a autora elabora verbetes que compõem um Glossário Terminológico. Assim, o artigo é um convite para conhecer mais a fundo a pesquisa que está em desenvolvimento.

Em “O corpo em avulsão – análise léxico-estilística do narrador de ‘O amor dos homens avulsos’, de Victor Heringer (2016)”, Isadora Lemos Gomes de Plato elabora uma análise das construções textuais e do estilo no romance em estudo. Para tal propósito, Plato utiliza-se dos conceitos estruturados pela Lexicologia e pela Estilística, aliando-os para demonstrar como interagem na construção do sentido global do texto e como podem estruturar caminhos de interpretação de acordo com o uso de recursos lexicais e morfossintáticos. Após debate teórico e análise de trechos do romance, a autora busca demonstrar como Victor Heringer utilizou-se dos recursos abordados ao longo do artigo para a construção de sentidos dentro de seu romance.

Em “Os engajamentos discursivos desencadeados pela fotomontagem do jornal *Folha de São Paulo*”, Bianca Dorothea Batista se propõe a construir uma análise discursiva dos sentidos provocados por uma fotomontagem relacionada a uma notícia. Para tal, Batista lança mão dos conceitos teóricos da Análise do Discurso, dando maior destaque às contribuições de Bakhtin e de Charaudeau. A autora aborda a construção de sentidos, a partir das teorias tratadas, na notícia e na fotomontagem elegida mobilizando nelas os conceitos da Análise do Discurso.

Caminhando para o final de nossa apresentação, na seção de estudos de língua, ainda encontramos o texto “Os caminhos sócio-históricos da comunidade quilombola Mussuca

(Laranjeiras/Sergipe)”, no qual Jacson Baldoino Silva, Norma Fernandes e Silvana Silva de Farias Araújo apresentam o percurso sócio-histórico de uma comunidade quilombola a partir do estudo das documentações linguísticas. A contribuição dos autores é trazer à tona a presença africana na formação do Brasil e do Português Brasileiro.

Para além dos supracitados, há ainda outros textos que integram o presente dossiê, complementando as discussões aqui propostas em torno das questões ligadas à relação língua e sentido, dentre eles uma entrevista com o professor doutor Antonio Suarez Abreu, focalizando a linguística cognitiva, e outra com o professor doutor Thierry Guilbert, tratando de questões relacionadas à análise do discurso. Ambas as entrevistas se relacionam com o tema central aqui trabalhado. Há também, em “outras contribuições” a tradução “O mito urbano: um questionamento crítico do imaginário sociolinguístico das cidades como espaços de diversidade”, produzida por Anderson Lucas da Silva Macedo, do texto original de Britta Schneider, cujo título é “The Urban Myth: A critical interrogation of the sociolinguistic imagining of cities as spaces of diversity”.

Esperamos, por fim, que desfrutem da leitura destes textos e que os estudos aqui apresentados contribuam para ampliar as discussões e novas pesquisas em torno da relação língua e sentido, produzindo debates frutíferos para a área.

Boa leitura!

REFERÊNCIAS

ANSCOMBRE, Jean-Claude; DUCROT, Oswald. *L'argumentation dans la langue. Langages* 42, 1976, p. 5-27

BARBISAN, Leci; TEIXEIRA, Marlene. Polifonia: origem e evolução do conceito em Oswald Ducrot. *Organon*, Porto Alegre, v. 16, n. 32-33, 2002. DOI: 10.22456/2238-8915.29792. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/29792>. Acesso em: 14 ago. 2024.

DUCROT, Oswald. *La pragmatique et l'étude sémantique de la langue. Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 32, n.1, 1997, p. 9-21

DUCROT, Oswald et al. *Les mots du discours*. Paris: Minuit, 1980.

DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Campinas, SP: Pontes, 1987.

DUCROT, Oswald.; CAREL, Marion. Descrição argumentativa e descrição polifônica: o caso da negação. *Letras Hoje*, Porto Alegre, v. 43, n.1, jan./mar. 2008, p. 7-18

Wellton da Silva de Fatima: Doutorando em Linguística, com ênfase em Análise de Discurso, pelo Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, é também professor da área de Letras/Português do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas. Atualmente vice-líder do grupo LER – Leitura, Educação e suas ressonâncias – (CNPq/IFAL), também participa do grupo MulherDis (CNPq/Unicamp). É mestre em Estudos da Linguagem pela UFF, especialista em Mídias na Educação pelas UFSJ e licenciado em Letras/Português pela UFRRJ. Interessa-se pelos estudos do discurso, da enunciação e da argumentação.

Thiago Wallace Rodrigues dos Santos: Doutorando em Letras: Língua Portuguesa (UERJ), com bolsa CAPES; Mestre em Letras: Língua Portuguesa (UERJ); Licenciado em Letras: Português-Literaturas (UFRRJ); membro dos grupos de pesquisas Estudos Linguísticos, Multiletramentos e Ensino de Língua Portuguesa (ELMEP/CNPq), Descrição e Ensino de Língua: pressupostos e práticas (CNPq) e Laboratório de Pesquisa em Língua e Discurso (LINDIS/CNPq); compôs o corpo de editores do periódico Palimpsesto – Revista discente do Programa de Pós-graduação em Letras da UERJ (04/2018-01/2020 e 05/2023-03/2024) e é professor de Língua Portuguesa e Produção Textual da rede municipal de Saquarema.